

Noir

CRÔNICA POR QUILLO



CARLOS CASTELO
**CRÔNICA
POR
QUILLO**

Projeto gráfico: André Hernandez
Ilustração de capa: Paulo Caruso e Marcelo Maia
Revisão: Diva Frazão
Impressão e acabamento: Viena Gráfica

Editora Noir
Praça da Sé, 21 cj 410
CEP 01001-000
São Paulo – Brasil

contato@editoranoir.com.br
editoranoir.com.br
@editora_noir

© 2019 Editora Noir – Todos os direitos reservados
Permitida a reprodução parcial de texto ou de imagem,
desde que citados os nomes da obra, autor e editora.

N21



SUMÁRIO

| | | | |
|--|----|--|-----|
| Carlos Castelo, bom de língua <i>Por Paulo Caruso</i> | 9 | Monga e o serviço secreto..... | 52 |
| A parábola do filho millennial | 11 | Honey Pie | 54 |
| Composição: meu feriado na praia | 12 | O muro..... | 56 |
| Uberando..... | 14 | Uma viagem a Nova Iorque..... | 58 |
| Entrevero na marginal..... | 15 | Brasília-B..... | 60 |
| Interrogatório de Amarildo | | Um desabafo, mas sem raiva | 62 |
| Superintendência da PF – interior – dia..... | 16 | Breaking Bad Brasil..... | 64 |
| A nutricionista de Haifa..... | 18 | Não tive nenhuma ideia para esta crônica..... | 66 |
| A rebelião das muriçocas | 20 | O trenó chinês do Papai Noel | 68 |
| Pizza com feijão e pimenta..... | 22 | Coxinha da Silva..... | 70 |
| Uma passadinha na farmácia | 24 | A piada no nosso século..... | 72 |
| Molly XXI..... | 27 | Histórias de aeroporto | 74 |
| Outros carnavais..... | 28 | A decisão de Mamãe Pig..... | 76 |
| Buck é único..... | 30 | O chofer da rainha..... | 78 |
| Desabafo de uma tornozeleira eletrônica..... | 32 | Woody Allen e a web 2.0 – Sala de estar de um sobrado na Vila Madalena – interior – noite | 80 |
| Não estamos avaliando originais..... | 34 | Turismo de reconciliação..... | 82 |
| Fábulas cabulosas | 36 | Etiqueta da manifestação..... | 84 |
| 12 tipos de motoristas de aplicativos | 38 | Fim de carreira | 86 |
| Solidão cósmica, aproveite enquanto é tempo..... | 40 | Um aniversário de criança | 88 |
| Vida, essa eterna batalha..... | 42 | Campos, postes e bebedouros..... | 90 |
| Crônica é chato?..... | 44 | DS 3140 | 91 |
| Traçando Jeff Bezos | 46 | A sapata..... | 92 |
| Ser bandalho | 48 | Diário de um classe média..... | 94 |
| Grande Sertão: Itaim–Bibi | 49 | James Bonzo, agente secreto | 96 |
| De como não me tornei baterista..... | 50 | Viagem ao redor da minha sala | 98 |
| | | Erramos..... | 99 |
| | | A verdadeira história do gato de Schorödinger | 100 |
| | | Estatutos do movimento falidos e mal pagos do Brasil..... | 102 |
| | | Cadeia para todos os sem nenhum caráter..... | 104 |
| | | Os deboístas estão chegando | 106 |

| | |
|--|-----|
| Como fazer sucesso e influenciar pessoas com livros..... | 108 |
| Quartas capas..... | 110 |
| Historinhas sem compromisso..... | 112 |
| Zumbilândia..... | 114 |
| Patetópolis..... | 116 |
| A última editora | 118 |
| O pulso ainda pulsa | 120 |
| Um natal do peru, sem peru..... | 122 |
| Bling-bling, a incrível caixa registradora das multas | 124 |
| O grande Deus Repolho..... | 126 |
| Da cuíca e do pandeiro..... | 128 |
| Cronista ao mar | 130 |
| O último brasileiro honesto..... | 132 |
| Crônica de descolorir | 133 |
| John, Paul, George e Chas..... | 134 |
| Crônica de atmosfera | 136 |
| Woody Allen em Piracicaba?..... | 139 |
| Do cuspe | 140 |
| Obsessão pela obsessão alheia..... | 142 |
| O ovo perfeito..... | 144 |
| Se minha estante falasse..... | 146 |
| O patinete do Gulliver..... | 148 |
| Biscoito (quase) fino..... | 150 |
| O que aprendi com aquela cadela | 152 |
| O corcunda de pedra..... | 154 |
| A focaccia nossa de cada dia..... | 156 |
| Meu dia da criança..... | 158 |
| Mais histórias de aeroporto..... | 160 |
| Dorival | 161 |
| Seu Quirino voltou..... | 162 |
| Santo do mês: São José do Saco..... | 163 |

| | |
|-------------------------------|-----|
| Perdão no ano bom..... | 164 |
| Mon petit quilô | 166 |
| O influenciador digital | 168 |
| Autoposfácio | 170 |



**CARLOS
CASTELO,
BOM DE
LÍNGUA**

Nascido homônimo de alguns Castelos que marcaram nossa História, como o jornalista Carlos Castelo Branco, o Castelhinho, patrono de uma geração mais vivida e dividida do que a minha, e de um outro Castelo Branco, o que implantou no dia da mentira a Revolução Vitoriosa para ser celebrada no dia anterior, o 31 de Março, ele não se vexe de ser homônimo. Isto não significa opção sexual, é apenas literal. Quer dizer, ninguém é Castelo à toa. E o Castelo que aqui celebramos é muito distinto.

Foi um dos colaboradores do grupo musical satírico Língua de Trapo, cujo estilo o nome já define. Misto de filósofo, jornalista e escritor, como um personagem que ele próprio se caracterizava nos palcos, é antes de tudo um caçador de si.

TRILIBO



A PARÁBOLA DO FILHO MILLENNIAL

E disse: Um certo homem tinha dois filhos. E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bitcoins que me pertence. E ele repartiu por eles a start-up de uma social media que fizera com o aporte de capital de um investidor-anjo. E, poucos dias depois, o filho mais novo, juntando todos os bitcoins, partiu para Austrália e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente como atendente de hostel, de dia, e DJ de balada à noite. E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades, tendo que trabalhar como segundo assistente de estagiário, numa empresa coreana de brinquedos pirateados da Disney. E foi, e se chegou a um dos aussies o qual o mandou para os seus campos, a apascentar carpas alimentadas com ração orgânica à base de chia, trufas, linhaça e alfarroba. E desejava encher o seu estômago com as bolotas de ração orgânica que as carpas comiam, e ninguém lhe dava nada. E, tornando em si, disse: Quantos tuiteiros de meu pai têm abundância de pão integral de sete grãos, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti. Já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um dos teus tuiteiros. E, levantando-se, apanhou o Iphone e fez um FaceTime com seu pai; e seu pai se moveu de íntima compaixão e postou um emoji em forma de coração azul pulsante. E o filho lhe disse no chat: Pai, pequei contra o céu e perante ti, e, sipá, já não sou digno de ser chamado teu filho. Mas o pai disse aos seus tuiteiros: Acionai o Snapchat e vesti-o, e ponde-lhe um anel na mão, e tênis Vans nos pés. E trouxe a tapenade de berinjelas marinadas, e passai-as no pão de bardana e cevada; e degustemos, e alegremo-nos; porque este meu filho virou um figurante do Walking Dead, e reviveu; tinha-se perdido, e foi achado graças ao Waze. E começaram a alegrar-se.

E o seu filho mais velho estava em sua home office; e quando veio, e chegou perto de casa, ouviu a música nas caixinhas de som JBL bluetooth do iPad Pro do pai. E, chamando um dos tuiteiros, perguntou-lhe o que era aquilo. E ele lhe disse: Teu irmão chamou no FaceTime; e teu pai mandou trazer as berinjelas especiais que estavam curando na varanda gourmet, porque o recebeu são e salvo. Mas ele se indignou, e não queria entrar. E saindo o pai, instava com ele. Mas, respondendo ele, disse ao pai: Eis que te sirvo há tantos anos, sem nunca transgredir os teus algoritmos, e nunca me deste uma breja para alegrar-me com os meus parças. Vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bitcoins, tipo, com baladinha roots, oferecete-lhe a melhor das berinjelas curtidas. E ele lhe disse: Filho, tu sempre estás comigo, e todos meus devices são teus; até a senha do meu Evernote. Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos, porque este teu irmão tinha dado pau, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se. Então todos se colocaram junto ao investidor-anjo e fizeram uma selfie.

COMPOSIÇÃO: MEU FERIADO NA PRAIA

A praia é um lugar onde tem sol, areia, água e ondas.

A praia também tem latinhas de refri, pedaços de garrafas PET, bitucas de cigarro, pessoas gordas e vermelhas, cachorros correndo muito felizes e bicho geográfico.

Se a gente cutucar a areia, pode achar ainda mais coisas: sirizinhos, caranguejos, minhocas pra isca e cocô.

Venta muito no mar. Quase não dá pra sentir cheiro. Não sei por que a minha avó fica dizendo, o tempo todo, que está sentindo cheiro de mato queimado na praia.

Eu vim com a minha família passar o feriado no mar. Foram umas 15 pessoas e o vovô, que agora está voltando pra São Paulo. Pra falar a verdade, não entendi muito bem o que aconteceu. Estava um calorão, mas começaram a gritar que o vô estava frio. Daí, rapidinho, o enfiaram numa caixa de madeira bonita e o mandaram de volta pro Jardim Euríclides.

Meu pai falou que era pro pessoal beber o meu avô. Quando a caixona de madeira foi pra dentro do porta-malas do ônibus, começaram a fazer o churrasco. Meu tio mais novo pegou uma pistola do meu pai e deu uns tiros pra cima. Sem querer, acertou o electricista que estava consertando os fios da frente do sobrado.

O que eu achei engraçado é que o electricista não caiu do poste. Ele ficou lá em cima, tirou do bolso uma pistola igualzinha a do meu pai e começou a tentar acertar todo mundo que estava no churrasquinho.

Ficou aquele tiroteio um tempão, e não morria ninguém. Eu cansei e fui jogar videogame na sala. Como só tinha FIFA, me enchi e voltei pra fora porque eu gosto mesmo é de jogo de tiro.

Estranhei o electricista dormindo no meio do quintal. Fazia aquele calorão e começaram a dizer que ele também estava frio. Vai entender. Meu pai falou pra comprarem outra caixa de cerveja porque o pessoal tinha que beber o electricista.

Os meus primos foram até a vendinha e trouxeram uma caixa cheinha. Quando entregaram pro meu pai, falaram que um monte de polícias estava vindo pra pegar ele, meu tio mais novo e o electricista frio. Iam levar todos pra algum lugar que não me lembro o nome agora. Meu pai falou um palavrão e levantou a pistola pra cima.

Fui jogar o videogame na sala. Mas é sempre assim, quando começo o FIFA, logo vêm as balas lá fora. E eu prefiro tudo o que tem tiro.

Saí pro quintal e olhei pra calçada: estava tudo cheio de PMs. Tinha até um cachorro igual ao que eu vi correndo muito feliz na praia, só que esse era bravo.

Acabou que a gente teve que ir com o cachorro e os polícias. Só deixaram a

minha avó em casa porque ela tinha que fazer alguma coisa com meu avô que continuava na caixa de madeira, só que na vila onde fica a nossa casa, lá em São Paulo.

Meu pai e meu tio mais novo assinaram um monte de papéis. E parece que nós vamos passar o feriado aqui com o cachorro.

Depois de um monte de tempo, me deixaram dar uma volta na areia. Fiquei lá em pé, pensando no meu feriado. Veio uma ventania assim, do nada. E, na hora, dei razão pra minha avó: às vezes, a praia tem mesmo cheiro de mato queimado.

O senhor sabe como é. E o cara sentou aí atrás, onde o senhor está, e desandou a falar comigo que nem um papagaio. Não calava a matraca. Não deixou nem eu oferecer as revistas, as balinhas, a água – que eu tenho sempre, com ou sem gás. Porque, afinal de contas, se a gente se propõe a ser motorista-de-carro-de-aplicativo, precisa ter um algo a mais. Teve até um prefeito que falou que o taxista precisava se apresentar de um jeito limpo, asseado. Pedia que a gente usasse paletó, camisa social, sapato engraxado. Pra mim é correto. A pessoa está aqui pra servir. Se o senhor, vamos dizer, entra no meu veículo, e eu estou todo esfarrapado, molambento, o que vai pensar? Que eu sou um marginal, um pervertido, um drogado? Ia pensar ou não ia? Pois então. Está certo exigir uma roupa bem passada, uma viatura limpa, ainda mais para o freguês do celular.

O que não está certo é o preconceito com o motorista-de-carro-de-aplicativo. O senhor não calcula o que a gente vê por aí. Taxista fazendo todo tipo de desgrama com o colega dele. Dói. Eu mesmo fui deixar um passageiro em Congonhas e, quando eles me viram desembarcando o rapaz na calçada, vieram feito fera pra cima. Um senhorzinho, motorista de um Palio cinza, pegou uma chave de roda e correu pra macetar no meu capô. A sorte é que esse meu Golzinho Bola tem arranque bom, senão o velho tinha lascado a lataria. E quem ia ficar no prejuízo? Eu e a Laíse. Laíse é a minha esposa. Ela pagou 50% do carro. O outro Gol que a gente trabalhava não houve meio de acertar as multas, tive que encostar num terreno baldio em Mailasqui.

É luta dura, ai, ai, nem fale. Educar filho dirigindo dia e noite, ô sina... Mas, no fim, compensa. Ver a menina fazendo o curso de comerciária, o menino virando DJ. Compensa, compensa.

O que ferra é pagar aluguel. Deixando o senhor, vou até meu bairro ver um sobradinho, com a mulher. Pegamos a calculadora, e a prestação da Caixa fica parelha com o aluguel. Talvez uns 80, 100 reais a mais. A menina se diplomando no curso de Comércio, a gente se desaperta e entra numa dívida nova mais fácil. Morar em casa de cômodo, não é cômodo, não senhor. Tem o lado bom da amizade com o vizinho e tudo, quando falta um trem o povo empresta, só que o teretê da falação é triste. É um arrasando o outro.

Se der certo, quero morar na parte de cima do sobrado e, na garagem, que é grande, montar um emporiozinho. Boto a menina, que entende de conta, no caixa, e a Laíse no balcão. O menino já ganha uns trocados animando festa, balada de firma. Juntando com as corridas, a gente se ajeta. Eu não desgosto de dirigir não. Ruim é quando o passageiro não deixa a gente conversar, só ele fala. O senhor sabe como é. E a balinha, não quis? É 7 Belo, docinha...

Dia desses, levei uma das maiores fechadas, no trânsito, da minha vida. Quase me estropei todo. O fato ocorreu, mesmo tendo eu tomado todas as precauções possíveis no que dizia respeito à minha porção motorista. Em tempo: não há muito, fui atropelado no quinto subsolo de um estacionamento. Ou seja, sou mais do que gato escaldado. A fechada foi de um caminhão. Mais especificamente, de um gigantesco daqueles de alta tonelagem, da Eusmar Mudanças.

Eu já tinha visto muito absurdo na vida e no caótico tráfego paulistano, mas o que esse motorista promoveu foi, de fato, inimaginável. O meu carro estava na pista da direita da Marginal, e o caminhão de mudanças, na da esquerda. De repente, ele virou do nada e veio se encaminhando para o meu lado. Até agora não entendi como, com aquela antieuclediana manobra, o bólido não atingiu os automóveis que trafegavam nas pistas do meio. A cena mais parecia uma daquelas perseguições de carros do filme “Identidade Bourne”, em que veículos de todos os tipos e marcas voam, se despedaçam, carretas capotam dentro de rios, etc. Ainda bem que não aconteceu a parte das hecatombes na ocasião, mas foi por muito pouco.

Quando percebi a gigantesca massa metálica vindo para cima de mim, tive a sorte de – em vez de acelerar – não fazer nada. Acho que, pelo susto em si, entrei numa espécie de inércia. Foi o que salvou a lavoura. Se tivesse ido bruscamente para frente, teria abalroado um food truck, e aí ia sobrar mais kebab na Marginal do que em festa de beduíno, no deserto do Saara. Se resolvesse, de repente, frear, teríamos uns sete motoboys a menos fazendo entregas na capital paulistana.

Tentei emparelhar com o cara para xingar – admito: sou sangue quente no trânsito, não tem jeito. Mas o motorista acelerou e, para não bater nos outros, me quietei na minha faixa. Só que fotografei o número do telefone que estava na carroceria. O smartphone tem essa vantagem, é preciso concordar. Ato contínuo, parei no acostamento e liguei para a firma. Deu-se o seguinte diálogo telefônico:

– Eusmar Mudanças, pois não?

– Eu queria reclamar de um dos caminhões da sua empresa. Ele quase provocou um grave acidente aqui, na Marginal Pinheiros, agora.

– Mas nós só temos um caminhão.

– Só um?

– Isso. E estou dirigindo ele agora, inclusive.

– Ah, é?

– É...

– Você está na Marginal?

– Estou. No celular.

– Então vai à merda, Eusmar!